

CONTROLADORIA APLICADA NA GESTÃO DE ESTOQUES E CUSTOS

Jones Izidro Machado de Souza¹

Leonardo Felipe Coletto dos Santos²

Lucas Martini³

Orientador: André Paulo Steinhorst

RESUMO

O conteúdo deste estudo está relacionado à controladoria na gestão de estoque e custos, em uma Indústria de Móveis na cidade de Ampére - PR, onde identificou-se alguns fatores que podem afetar a gestão de materiais da empresa, através de um referencial teórico, buscou-se apresentar métodos e formas corretas para a realização das atividades encontradas com certa ineficácia. Com um estudo local, acompanhando as atividades realizadas no setor, foi possível observar os conceitos utilizados pela empresa e conseqüentemente identificar se os mesmos podem afetar de alguma forma a administração de materiais da organização. Através deste estudo buscou-se diversos conceitos da administração de materiais, gestão de estoque, controladoria de custos e entre outros. Para elaboração do referencial teórico utilizou-se conceitos de autores importantes da área. Por meio deste estudo compreende-se da importância que existe para uma empresa ter uma boa gestão e controladoria de materiais para minimizar seus custos e aumentar seu crescimento no mercado, podendo identificar aquilo que não esteja trazendo benefícios para a organização, afetando o seu desenvolvimento e crescimento, apresentando assim, sugestões para que a mesma busque melhorias, capacitação e aperfeiçoamento de todos os seus processos e atividades realizadas que estão ligadas ao tema abordado no estudo. O intuito da pesquisa realizada, é demonstrar o quão eficiente está sendo o controle de estoque da empresa, e em que setores poderia influenciar a má administração.

Palavras-chave: Estoque. Gestão. Controladoria. Custos.

Jones Izidro Machado de Souza - Bacharelado do Curso de Ciências Contábeis, Faculdade de Ampére – Famper, 2020. (jonnesdesouza@gmail.com)

Leonardo Felipe Coletto dos Santos - Bacharelado do Curso de Ciências Contábeis, Faculdade de Ampére – Famper, 2020. (leonardofelipecoletto@hotmail.com)

Lucas Martini - Bacharelado do Curso de Ciências Contábeis, Faculdade de Ampére – Famper, 2020. (lucasm@tvsonnet.com.br)

André Paulo Steinhorst - Professor do curso de Ciências Contábeis – Famper. (andrepaulo@ampernet.com.br)

1 INTRODUÇÃO

Os tempos foram passando e a contabilidade evoluindo, a evolução ocorreu de tal forma que na atualidade um bom contador é visto como um gestor e necessita mais do que nunca estar bem antenado com as alterações que acontecem com as normas contábeis locais que estão em linha com as normas contábeis internacionais, O contador é peça fundamental na estrutura de qualquer organização, pois precisa sempre interagir com as demais áreas da organização.

Conforme Fillion (1991, p. 64), “o gerenciamento da pequena empresa reflete a personalidade do proprietário. A principal característica de uma pequena empresa é que sua sobrevivência e seu crescimento dependem de seu proprietário. O futuro dela dependerá de como o proprietário se comporta dentro e fora da empresa”.

Seguindo este horizonte, tem-se a finalidade de elaborar um controle de estoque e ao mesmo tempo em que apresenta uma análise dos custos de modo simplificado, expondo também a consequência de ter um conhecimento mais aprimorado na gestão de estoques e custos da empresa moveleira, e levando consigo para a vida pessoal, pois hoje a alma do negócio não são apenas os cliente e colaboradores, são os cálculos de custeio para a empresa permanecer aberta no mercado.

Segundo Pozo (2007) é fundamental que as organizações devem preocupar-se com a constante evolução do seu controle de estoque, uma vez que essa medida desempenha e afeta de maneira significativa e definitiva o resultado daquela empresa.

Os estoques costumam manter uma participação significativa no total dos investimentos ativos da maior parte das empresas industriais e comerciais. Na realidade, por demandarem vultosos volumes de recursos (imobilizados) aplicados em itens de baixa liquidez, devem as empresas promover rápida rotação em seus estoques como forma de elevar sua rentabilidade e contribuir para manutenção de sua liquidez. (ASSAF NETO, 2005, p. 530)

O controle de custo é o grande segredo de uma empresa, pois os custos são medidos monetárias dos sacrifícios despendidos para se atingir um objetivo, sendo assim a coleta destes é de suma importância para o processo de decisão e planejamento da empresa.

Para a área de estoque pode-se utilizar o conceito dos 7C', tem como objetivo maior integrar os processos de negociação e comercialização que visam a atender os clientes, ou seja, (assegurar a disponibilidade do produto certo, na quantidade certa, e na condição certa, no lugar certo, no momento certo, para o cliente certo, ao custo certo) (PEREIRA; ARAÚJO, 2006).

Outro aspecto que pode trazer sucesso para empresa é a gestão eficiente do capital de giro, para Tófoli (2012), a gestão do capital de giro abrange o processo na tomada de decisões envolvendo a liquidez e a rentabilidade da organização e procura administrar de forma coerente as atividades existentes no Ciclo Operacional.

Com o objetivo de demonstrar a importância de se ter um bom controle de estoques, e dessa forma demonstrar que essas operações atingem diretamente os resultados da entidades, foi realizada uma pesquisa de campo no período de agosto a novembro de 2020, em uma empresa do ramo moveleiro, localizada na cidade de Ampére – PR, que preferiu não identificar sua razão na pesquisa.

Assim sendo, buscou-se com essa pesquisa um melhor entendimento de qual forma a organização realiza os processos de controle de estoque, bem como a gestão de seus custos, para que dessa maneira visualize-se as estratégias que a empresa

adota em seu dia a dia. Foi colocado em prática todo o aprendizado durante o curso de Ciências Contábeis para a identificação dos fatores que possam ser melhorados dentro da empresa, para que a mesma apresente um melhor resultado final.

A pesquisa também levantou dados referentes ao preço médio de venda dos principais produtos comercializados na empresa, analisando a variação do valor e quais os aspectos que influenciam nisso, compreendendo de que forma isso atingirá o custo final da operação.

Mediante os dados obtidos, analisou-se a empresa de modo geral, desde o processo produtivo, até o resultado final, para entender a necessidade de se ter um bom controle de estoque, e os benefícios que se for aplicado corretamente, pode proporcionar aos empresários.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Contabilidade (Conceito, história, evolução e papel do Contador)

A história da contabilidade é muito antiga que nos expõem a própria história da civilização, mostrando que o homem sempre se dispôs para alcançar os fins propostos.

Histórias nos relatam que os primeiros sinais das contas sugeriram de aproximadamente 4.000 A.C, ao contar seus rebanhos já estavam praticando uma forma de contabilidade (RIBERI. LOPES 2009).

Alguns pesquisadores afirmam que o início das práticas relacionadas com o controle das contas data mais de mil anos antes de Cristo. Para outros, tais preocupações são tão velhas quanto à humanidade. Para mensurar, avaliar, e controlar seus bens pessoais desde os tempos remotos, os reis, faraós, comerciantes, agricultores, etc; utilizavam técnicas de registros, o que pode ser entendido como o início da contabilidade como hoje é conhecida (OLIVEIRA; NAGATSUKA, 2012 p. 85).

A contabilidade teve evolução relativamente lenta até o aparecimento da moeda. Na época da troca pura e simples de mercadorias, os negociantes anotavam as obrigações, os direitos e os bens perante terceiros, não tendo avaliação monetária (MARTINELLI, 2002).

A era medieval é considerada uma era técnica que soube aprender e aproveitar os conhecimentos das civilizações antigas como a da Mesopotâmia, dos Sumérios e Babilônicos, das civilizações consideradas importantíssimas para o desenvolvimento da ciência que conhecemos como a Egípcia, Grega e a Indiana até o conhecimento dos povos árabes de onde Leonardo Fibonacci solidificou seus conhecimentos e os levou a Itália (HENDRIKSEN, VAN BREDA, 1999).

Para o método de Escrituração e fórmulas de Contabilidade de minha real fazenda não fique arbitrário a maneira de pensar de cada um dos contadores gerais, que sou servido criarem para o referido Erário: - ordeno que a escrituração seja mercantil por partidas, por ser a única seguida pelas nações mais civilizadas, assim pela sua brevidade, para o manejo de grandes somas como por ser mais clara e a que menos lugar dá a erros e subterfúgios, onde se esconde a malícia e a fraude dos prevaricadores (D. João VI, carta apud FEITAL, 2012).

A Era científica da contabilidade. O período se inicia nos meados do século XIX e teve como seu marco a busca pelas doutrinas pelo verdadeiro objeto de estudo da contabilidade.

Neste período a contabilidade conhece o inventário, os livros mercantis diário e razão. A contabilidade chega às universidades, pois até então, só era lecionada com aula de comércio na corte. São neste período, a era científica que a contabilidade vai encontrar a seus maiores pensadores, depois de Pacioli, grandes contribuintes que na frente de seu tempo, reescreveram a contabilidade e deram grande contribuição para a ciência que conhecemos hoje. Nomes consagrados pela história, como dois grandes autores: Francesco Villa, escritor milanês, contabilista público, que, com sua obra "La Contabilità Applicata alle amministrazioni Private e Pubbliche", inicia a nova fase; e Fábio Bésta, escritor veneziano. Foram eles que juntamente com outros pensadores da época, desenvolveram estudos dentro da Contabilidade que fizeram surgir três outras grandes escolas do pensamento contábil depois do Contismo (SÁ, 2004).

No Brasil, a contabilidade teve influência tanto da escola italiana quanto da americana, sendo que a primeira foi a que influenciou inicialmente o país, porém foi na segunda que o Brasil se baseou para formação da Lei das Sociedades por Ações, que ocorreu a partir da Resolução nº 220 e da circular nº 179 do BC e para a implantação do ensino acadêmico.

O profissional contábil gerencia todo o sistema de informação, os bancos de dados que propiciam tomadas de decisões tanto dos usuários internos como externos. Toda sociedade espera transparência dos Informes Contábeis, resultados não só de competência profissional, mas, simultaneamente, de postura ética (MARION, 2009, p.29.)

Segundo Marion (2009), a Contabilidade gira em torno de fornecer informações ao máximo, para auxiliar as empresas nas tomadas de decisões. Ainda de em conformidade o autor afirma que, o serviço contábil não é somente atender as obrigações do governo, mas também atender as necessidades das entidades.

No conceito de Hilário Franco:

A Contabilidade é a ciência que estuda os fenômenos ocorridos no patrimônio das entidades, mediante o registro, a classificação, a demonstração expositiva, a análise e a interpretação desses fatos, com o fim de oferecer informações e orientação – necessárias à tomada de decisões – sobre a composição do patrimônio, suas variações e o resultado econômicas decorrente da gestão da riqueza patrimonial (FRANCO, 1997, p. 21).

A Contabilidade para Ribeiro (1992) é uma ciência que, através de suas técnicas, permite manter um controle constante da empresa.

Noble (1956, p. 8) afirma que o objetivo da Contabilidade é “fornecer informações relativas aos bens e aos direitos à propriedade, indicando como tais bens e os direitos deles decorrentes são afetados pelas operações comerciais”.

Na visão de Crepaldi (1995) a Contabilidade se torna um dos principais sistemas de controle e informação para uma empresa, a partir de suas análises de estruturas, Balanços Patrimoniais, Demonstrações de Resultados, controle de bancos e outras contas, para que pode fim a empresa possa manter uma administração de forma eficiente e consequentemente eficaz.

Tema (Ex.: Custos; Contabilidade Fiscal; Finanças; etc)

Custeio por absorção

A atribuição dos custos fixos aos produtos, característica fundamental do Custeio por Absorção, proporciona colocar estoques de produtos em condições de venda (MARTINS; ROCHA, 2010; BAXTER, 2005). De acordo com Martins e Rocha (2010) o conceito de custo fixo médio por unidade, clássico na literatura de Microeconomia, explicitamente vincula o custo fixo à quantidade produzida. Postergar a parcela de custo fixo incorporada aos estoques proporciona a concordância com o Princípio Contábil da Confrontação das Despesas com as Receitas (PONG; MITCHELL, 2006).

Para Guerreiro (2011) a alocação de custos fixos aos produtos depende da utilização de critérios subjetivos (SEVERIANO FILHO; MELO, 2006). De acordo com Hansen et al. (2009), a alocação de custos *per se* é de natureza arbitrária, não havendo uma forma bem aceita para esta ação. Horngren et al. (2012) apenas se limitam a alegar que alocação de custos fixos aos produtos pode ser arbitrária. De acordo com Relvas (2003), critérios subjetivos e arbitrários não consistem em limitação do método de custeio, mas de quem os aplica.

Discorrendo sobre a questão da subjetividade, Souza e Diehl (2009) ressaltam que pelo fato de a Contabilidade Gerencial não precisar seguir orientações normativas como na Contabilidade tradicional, o uso de critérios subjetivos pode ser amplamente utilizado, se isso gerar uma melhora na tradução da realidade a ser medida.

O método de Custeio por Absorção, de acordo com Martins e Rocha (2010, p. 85) subdivide-se três espécies: Parcial, Parcial Modificado e Pleno (Integral). Estas três espécies serão elucidadas nas seções a seguir.

Custeio por absorção parcial

O Custeio por Absorção Parcial consiste no método que atribui aos produtos somente os custos variáveis e fixos, levando todas as despesas (Comerciais, Administrativas e Financeiras) diretamente para o resultado no período em que estas são incorridas. De acordo com Vartanian (2000) a principal preocupação desse método está na separação entre os custos do produto e as despesas do período; evidenciando desta maneira que aos produtos cabem somente os custos com esforços de produção, sendo as despesas destinadas ao resultado.

O Custeio por Absorção Parcial pode proporcionar a percepção de que o custo unitário do produto é variável, levando a decisões inadequadas sobre determinação de preços e lucratividade de produtos, como ressaltam Garrison et al. (2007). Complementando, Martins e Rocha (2010) afirmam que o custo unitário dos produtos depende do volume de produção, mas os custos totais da empresa não variam em razão direta desse custo unitário multiplicado pelo volume.

O Custeio por Absorção Parcial sempre esteve relacionado com a visão societária da Contabilidade, atrelando sua ênfase à avaliação de estoques (GUERREIRO, 2011; BITTI et al., 2011; RELVAS, 2003; DUGDALE; JONES, 2003). No Brasil, não somente as normas e os princípios contábeis acabaram por eleger o Custeio por Absorção como método de avaliação de estoques - como ocorre no Pronunciamento Técnico CPC 16 (2010), mas também a legislação tributária (MARETH et al., 2012) através do Decreto nº 3.000/99, a qual regulamenta a

tributação, fiscalização, arrecadação e administração sobre a Renda e Proventos de Qualquer Natureza.

De acordo com Vartanian (2000), o método de Custeio por Absorção (Parcial) foi difundido mundialmente para atender aos usuários externos da informação contábil como mercados de capitais, órgãos reguladores, fisco, acionistas, credores, auditoria independente entre outros; com o objetivo de avaliar estoques e o resultado das empresas. Entretanto, apesar de Vartanian (2000) concluir que, *a priori*, o método de Custeio por Absorção (Parcial) não deveria possuir aplicações gerenciais, Martins e Rocha (2010) elucidam vários propósitos de uso para o Custeio por Absorção Parcial, como formação de preços, análise de custos de longo prazo de produtos.

Custeio por absorção parcial modificado

No Custeio por Absorção Parcial Modificado, são atribuídos aos produtos os custos variáveis e os custos fixos operacionais: 1 sendo que os custos fixos estruturais e 2 são destinados ao resultado do período junto com as despesas. Para Martins e Rocha (2010), entre as justificativas para a atribuição dos custos fixos operacionais aos produtos, consiste no fato de que este tipo de custo pode ser ajustado com mais facilidade – ainda que em patamares – de acordo com oscilações discretas do volume de produção; característica que o aproxima dos custos variáveis como a mão de obra direta.

O método de Custeio por Absorção Parcial Modificado, de acordo com Martins e Rocha (2010) tem o mérito de situar-se a meio termo dos extremos do Custeio Variável e por Absorção Parcial, pois não comete a arbitrariedade de alocar custos fixos estruturais aos produtos; e apropria aos produtos custos que embora fixos em relação ao volume de produção, têm seu valor influenciado pelo *mix* de produtos, pela logística de produção, pelo processo de controle da qualidade entre outros.

De acordo com Martins e Rocha (2010), custos fixos operacionais são custos necessários à operação das instalações. Exemplos: salários, encargos sociais e benefícios de encarregados e supervisores, pesquisa e desenvolvimentos de produtos, treinamento de funcionários, etc.

Custeio por absorção pleno

O método de Custeio por Absorção Pleno inclui no custo do produto todos os custos e despesas fixos e custos variáveis (SOUZA; DIEHL, 2009). No método de Custeio por Absorção Pleno todos os custos de produção e os gastos fixos de administração e de vendas são considerados como sendo dos produtos (MARTINS; ROCHA, 2010; VARTANIAN, 2000).

Para Martins e Rocha (2010), a alocação de gastos gerais de administração e vendas aos produtos permite avaliar os estoques, a valores de entrada, ainda mais próximos do seu valor justo e correto, comparativamente ao custeio por absorção parcial, consistindo o valor do resultado do período como o dos estoques no ativo com o conceito econômico de agregação de valor.

Para Guerreiro (2011), o método de custeio pleno consiste em uma variante do Custeio por Absorção. Considerado nesta pesquisa como custeio por absorção pleno, autores como Guerreiro (2011), Vartanian (2000), Nascimento (1989) o denominam somente como custeio pleno; e Souza e Diehl (2009) tratando somente como custeio

integral. Para Nascimento (1989) o método de custeio integral é um sinônimo do método de custeio pleno.

Conforme denotam Martins e Rocha (2010), o custeio pleno, em sua versão extrema, considera também no custo dos produtos os encargos financeiros e os juros sobre o capital próprio. Contudo, esse procedimento, no ponto de vista contábil, conceitualmente pode ser considerado como falho, uma vez que encargos financeiros não correspondem a consumo, utilização ou transformação de recursos (MARTINS; ROCHA, 2010). Por outro lado, há de se mencionar o pronunciamento técnico CPC 20 (2011), o qual relata que quando estoques são considerados ativos qualificáveis, os custos de empréstimos diretamente atribuíveis à aquisição, construção ou a produção devem ser capitalizados como custo deste ativo.

Para Vartanian (2000) o método de Custeio Pleno sempre esteve relacionado ao uso gerencial, principalmente pela Contabilidade Societária não permitir alocar as despesas aos estoques. Ainda de acordo com Vartanian (2000), o Custeio Pleno apresenta como principal vantagem a capacidade de assegurar a recuperação de todos os gastos e margem planejada de lucro.

Custeio variável

No Custeio Variável somente são alocados aos produtos os custos variáveis referentes às quantidades produzidas no período, ficando os custos fixos separados e considerados como despesas deste mesmo período (MARETH et al., 2012; GUERREIRO, 2011; MARTINS, 2010; COLAUTO et al., 2004,). Como consequência, os estoques de produtos somente são avaliados pelos custos variáveis, recaindo assim sobre o resultado os custos fixos juntamente com as demais despesas (Comerciais, Administrativas e Financeiras).

Deste modo, no Custeio Variável não é possível mensurar o custo total de um objeto de custeio, uma vez que este método não aloca os custos e despesas fixas, afetando estes somente o resultado do período (SOUZA; DIEHL, 2009; MARTINS; ROCHA, 2010). Mesmo assim, a não inclusão dos custos fixos nos produtos no método de Custeio Variável não desestimula a discussão referente estes tipos de custos.

Custos fixos, em função de sua natureza, independem do volume de produção praticado pelas empresas em determinado intervalo relevante de tempo, não se tratando de sacrifícios para fabricação de uma unidade específica (COLAUTO et al., 2004).

De acordo com Souza e Diehl (2009), as empresas se estruturam para atender clientes e produtos através do consumo de recursos colocados à disposição. Assim, de acordo com estes autores, ignorar a relação de recursos (custos) fixos com produtos assume-se a concepção equivocada de que não existe associação entre estes; podendo inclusive gerar excessos no dimensionamento de custos fixos. Para Colauto et al. (2004), o método de Custeio Variável possibilita a obtenção de resultados de forma isenta das possíveis arbitrariedades provocadas pelos rateios dos custos fixos.

Conforme observa Nascimento (1980), no método de Custeio Variável assume grande importância o conceito de Margem de Contribuição, correspondendo ao montante que sobra a empresa para a cobertura dos custos e despesas fixos e o lucro, quando se abatem das receitas os custos e despesas variáveis.

Entre as principais críticas referentes ao método de Custeio Variável, Megliorini (2003) menciona o expressivo crescimento da proporção dos custos fixos das empresas que, conforme Miranda et al. (2007), faz com que o método de Custeio Variável perca sua relevância, justamente em setores no qual os custos fixos são elevados, pois este método de custeio ignora esses custos na composição do custo total dos produtos.

Para Drury e Tayles (1994) a principal justificativa para o uso do Custeio Variável reside na situação em que o lucro se trata de uma função do volume de vendas, enquanto no Custeio por Absorção o lucro é uma função tanto do volume de vendas quanto do volume de produção.

Custo de Estoque

Dias (2007) afirma que, todo armazenamento de produtos e materiais geram certos custos, classificados em diversas modalidades: custos de capital (juros, depreciação), custos com pessoal (salários), custos com edificação (aluguel, impostos, luz, conservação) e custos de manutenção (deterioração, equipamentos). Custos estes que podem aumentar conforme variações de quantidade em estoque e tempo de permanência no mesmo, todos esses custos são chamados de custo de armazenagem.

“Custos de manutenção de estoques: custos proporcionais à quantidade armazenada e ao tempo que esta fica em estoque. Um dos custos mais importante é o custo de oportunidade do capital. Este representa a perda de receitas por ter o capital investido em estoques em vez de o ter investido noutra atividade econômica. Uma interpretação comum é considerar o custo de manutenção de estoque de um produto como uma pequena parte do seu valor unitário.” (Garcia et al., 2006, p.15).

Para Pozo (2010, p. 26), “A razão pela qual é preciso tomar uma decisão acerca das quantidades dos materiais a serem mantidos em estoque está relacionada com os custos de estocar”.

“Existem duas variáveis que aumentam estes custos, que são a quantidade em estoque e o tempo que o material permanece armazenado, quando maior o estoque mais pessoas e material para movimentação serão necessários. No caso de um menor volume em estoque, o efeito é exatamente ao contrário.” (DIAS, 1997, P. 44)

Segundo Ballou (2006), o Estoque Médio (EM) é definido como a quantidade média em estoque de determinado item, em um determinado intervalo de tempo. Compreende a quantidade de materiais normalmente mantidos em estoque, ou estoque regular, e após vários ciclos de suprimento, corresponderá ao valor médio de Q acrescido do estoque de segurança (ES), como apresentado a seguir:

$$EM = (Q / 2) + ES$$

Almeida (2010, p.197), “Por este método as quantidades que ficam em estoque e as que saem são valorizadas pelo custo unitário médio de aquisição ou de fabricação”.

“O ideal seria a inexistência de estoques, à medida que fosse possível atender ao usuário no momento em que ocorressem as demandas. Entretanto, na prática isso não acontece, tornando imperativa a existência de um nível de estoques que sirva de amortecedor entre mercados supridor e

consumidor, a fim de que os consumidores possam ser plena e sistematicamente atendidos.” (VIANA, 2010. p. 116).

Estoques absorvem capital que poderia ser aplicado em outros investimentos. Elevar a rotatividade, libera ativo e economiza o custo de manutenção do estoque. Assim, é preciso uma política de estoque adequada, para que não se tenha material em excesso gerando custos sem necessidade e nem produtos em falta, gerando perda no momento em que se exige determinado produto em determinado momento. (NOGUEIRA, 2012).

“Existem duas variáveis que aumentam estes custos, que são a quantidade em estoque e o tempo que o material permanece armazenado, quando maior o estoque mais pessoas e material para movimentação serão necessários. No caso de um menor volume em estoque, o efeito é exatamente ao contrário.” (DIAS, 1997, p. 44).

Segundo Slack (1997, p. 387) “na tomada de decisão de quanto comprar, administração tenta identificar os custos que serão afetados por sua decisão”.

“Para que o gestor tome sua decisão de forma eficiente, ele precisa avaliar e ponderar todas as variáveis interferentes possíveis e viáveis de serem calculadas para basear sua escolha em critérios objetivos, evitando-se risco de cair na armadilha do subjetivismo ou empirismo gerencial.” (TADEU, 2010, p. 26)

Giro de Estoque

Segundo Dias (1996), a rotatividade ou giro de estoque é uma relação existente entre o consumo anual e o estoque médio do produto, assim sendo, é possível considerar quantas vezes um produto teve giro em um determinado período de tempo.

Segundo Dias (1997, p. 85), “A curva ABC é um importante instrumento para o administrador, ela permite identificar aqueles itens que justificam atenção e tratamento adequado quanto a sua administração. Obtém-se a curva ABC através da ordenação dos itens a sua importância relativa. “

“Administrar com eficiência e exatidão o movimento de entradas e saídas dos materiais necessários à empresa – o quê, quanto, quando e como comprar – não é tarefa simples. ” (VIANA, 2010).

A rotatividade dos produtos fornece elementos para conferir o comportamento do estoque, por meio da comparação com índices de anos anteriores, fornecendo subsídios importantes para ações e tomadas de decisões que se fizerem necessárias. (VIANA, 2002).

Segundo Francischini e Gurgel (2002, p. 161) definem o giro de estoque como sendo “o número de vezes em que o estoque é totalmente renovado em um período de tempo, geralmente anual”.

Abaixo o cálculo para o resultado do índice do giro de estoque, conforme Francischini e Gurgel (2002, p. 161):

$$\text{Giro} = \frac{\text{Demanda Média no Período}}{\text{Estoque Médio no Período}}$$

O giro do estoque é uma relação existente entre o consumo anual e o estoque médio do produto. É expresso em quantidade de pedidos por unidade de tempo. O grande mérito do índice de rotatividade do estoque é que ele representa um parâmetro

fácil para a comparação do estoque entre empresas do mesmo ramo de atividade e entre classes de material do estoque (GARCIA; LACERDA; AROZO, 2001).

“Mercadorias ou produtos acumulados para utilização posterior, de modo a permitir o atendimento regular das necessidades dos usuários para continuidade das atividades da empresa, sendo o estoque gerado, conseqüentemente pela impossibilidade de prever-se a demanda com exatidão.” (Viana, 2000, p. 109).

Quanto mais precisa for a previsão de demanda, mais simples é o controle de estoques, mas dificilmente essas previsões são exatas, portanto muitas vezes, as empresas utilizam estoques para reduzir efeitos causados pela diferença entre oferta e demanda. (BALLOU, 2006)

“A avaliação da Gestão de Estoques por meio da Rotatividade é muito útil e rápida, facilitando a análise situação operacional da empresa, e é um padrão mundial de análise e comparação. Quanto maior for o número da rotatividade, melhor será a administração logística da empresa, menores serão os custos e maior será sua competitividade.” (POZO, 2010, p.37).

Segundo Dias, (1995), “a curva ABC é uma ferramenta importante para o gestor; pois permite diferenciar itens que precisem de atenção e adequação quanto a sua administração”.

Inventário Físico

Para Dias (2007), toda organização organizada deve ter uma estrutura de administração com procedimentos bem definidos, sendo assim, uma das funções primordiais dessa questão é a precisão nos registros de estoques, registrando toda a movimentação do estoque através de documentos adequados.

“O registro básico dos estoques é inventário perpetuo. É um registro continuado e atualizado de recebimentos, desembolsos ou distribuição de materiais, além do saldo disponível e pendente de todos os itens em estoque, mostrando a situação completa dos mesmos”. (ARAÚJO, 1985, p. 113).

“As áreas e os itens a serem inventariados deverão ser arrumados da melhor forma possível, agrupando os produtos iguais, identificando todos os materiais com seus respectivos cartões, deixando os corredores livres”. (DIAS, 2007, p. 195).

“Inventário físico visa ao estabelecimento de auditoria permanente de estoques em poder do almoxarifado, objetivando garantir a plena confiabilidade e exatidão de registros contábeis e físicos, essencial para que o sistema funcione com a eficiência requerida”. (VIANA, 2002, p. 43).

De acordo com Dias (2007, p. 195), “todas as entradas e saídas e conseqüentemente saldos dos itens deverão estar obrigatoriamente atualizados até a ata do inventário”.

“O inventário físico é uma contagem periódica dos materiais existentes para efeito de comparação com os estoques registrados e contabilizados em controle da empresa, a fim de comprovar sua existência e exatidão”. (Viana, 2000, p.381).

Segundo Quaresma (1985, p. 63) “o termo inventário é uma enumeração minuciosa dos elementos patrimoniais”.

“Na maioria das empresas comerciais ou industriais, o grupo de contas Estoques assume grande importância no contexto do Balanço Patrimonial e na Demonstração do Resultado do Exercício, visto que quase sempre os investimentos são relevantes.” (OLIVEIRA ET AL, 2003, p. 103).

Segundo Moreira (2002, p. 463), o conceito de estoque é: “[...] quaisquer quantidades de bens físicos que sejam conservados, de forma improdutiva, por algum

intervalo de tempo; constituem estoques tanto os produtos acabados que aguardam venda ou despacho, como matérias-primas [...]”.

Segundo Oliveira et al (2003), para a apuração do custo das mercadorias vendidas, o contribuinte deverá utilizar-se de registros permanentes de estoques ou do valor dos estoques existentes, de acordo com o relatório de inventário, no fim do exercício social.

2.2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma Indústria de Moveis na cidade de Ampére – PR, que optou por não informar o nome, mas colaborou com todas as duvidas recorrentes, dando total apoio no que foi solicitado. Após ser obtido o conhecimento e o funcionamento do devido assunto na empresa, levantando os dados e informações disponíveis para identificar fatores importantes, desenvolveu-se o artigo para atingir o melhor resultado possível.

Segundo o Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos da FAMPER (2007) “Tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então, o estabelecimento de relações entre variáveis” partindo dessa linha de pensamento a pesquisa realizada é descritiva, a fim de proporcionar uma visão excêntrica da vida contábil.

A pesquisa foi realizada como um estudo de caso, sendo utilizado um modelo de pesquisa quantitativo, onde baseou-se em números para a demonstração de resultados de alguns setores da empresa, bem como a variação do preço médio de venda, dessa forma analisando os motivos dessa percepção e posteriormente procurando possíveis soluções para o problema.

Além disso, a pesquisa baseou-se na forma qualitativa, este modelo tenta compreender certos fenômenos, que podem ser percebidos através de dados narrativos de uma pesquisa.

Este relatório é resultado de observações dos setores que compõem toda a administração de materiais e custos da organização, afim de trocas de informações, analisando cada atividade realizada dentro desses setores da organização.

Para melhor conhecimento da cultura de trabalho da empresa, além do acompanhamento em cada processo e atividade realizada, algumas informações, dados e números do controle de estoque da organização foram observados e analisados para uma compreensão mais aprofundada da gestão de seus custos.

Algumas entrevistas com questionamentos abertos aos colaboradores foram realizadas, para assim, ter um melhor conhecimento de seus respectivos setores dentro da organização.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

De forma bem simplificada a gestão de estoque e custos é utilizado para evitar falta de mercadorias e percas indevidas, em toda empresa, esse método é ainda mais fundamental para empresas de grande porte, devido ao fato de se ter vários itens para tantos segmentos, tanto como matéria prima e também material acabado.

Dessa forma, confrontou-se as informações coletadas durante as observações na empresa estudada com alguns requisitos que devem ser utilizados

no cotidiano das empresas para manter um controle eficiente e eficaz, que também se enquadra na visão do autor Tófoli (2012), são:

a) Conferir todos os itens recebidos dos fornecedores:

Na empresa cedente da pesquisa, este processo é realizado por um único colaborador que é responsável pela a conferência dos produtos e notas fiscais que chegam na empresa, havendo sim trabalho padronizado e efetivo neste setor.

b) Organizar a armazenagem dos materiais:

A empresa está passando por um processo de transição para um novo endereço, neste novo local está aplicando um método mais eficaz na armazenagem de produtos acabados e matéria prima para a indústria, sendo organizado todos setorizados, cada tipo de produto em seu devido local, com sua identificação melhor visualização e organização do estoque.

c) Implantar controles informatizados de entradas e saídas das mercadorias e fazer um acompanhamento constante dos saldos:

A indústria não possui um sistema específico para acompanhar a entrada e saída de objetos, realizando a reposição de produtos conforme é necessitado. Caso a matéria prima utilizada acabe, isso pode ocasionar um atraso na produção, sendo percebida apenas no momento da fabricação. Dessa maneira a empresa pode ter sérios problemas quanto aos seus custos, pois terá que buscar as peças para reposição e fabricação em um tempo menor do que o habitual devido a demanda para atender seus clientes, buscando por muitas vezes a compra de materiais ou itens que cheguem mais rápidos para a fabricação, o que com toda certeza estará com um custo maior e trará percas financeiras para a organização.

d) Manter sempre atualizado o inventário físico para avaliação das quantidades e estados dos itens armazenados:

Este processo não é adotado na empresa atualmente, conforme foi dito acima, não há um processo de controle utilizado no controle de materiais, podendo ocorrer furo de estoque sem ser percebido pelos gestores.

e) Verificar se os materiais em estoque estão lesados e/ou obsoletos e retirá-los quando for o caso:

Após ocorrer alguns problemas na indústria, e também a mudança para o novo local, a empresa cedente da pesquisa, necessitou utilizar dessa medida, para ter um controle mais eficiente, diminuindo as percas e também o prejuízo.

Conforme já dito acima, a empresa não autorizou a utilização de números, porém nos possibilitou fazer uma pesquisa institucional, do processo de armazenagem de seus produtos.

Mediante resultados encontrados, propõe-se:

- Que a empresa avalie a necessidade de utilizar sistemas que auxiliem no controle de seus produtos.
- Invista em capacitação para seus profissionais, para extrair o máximo de benefícios que estes sistemas podem oferecer.
- Após a implantação dos sistemas, exigir que os colaboradores informem com a maior exatidão possível as informações no sistema.
- Manter diariamente atualizado as entradas e saídas de materiais.
- A cada período fazer inventário para saber se o processo utilizado está gerando resultados positivos.

Além da pesquisa organizacional realizada, nos foi fornecido dados de material acabado da empresa cedente da pesquisa. Onde realizou-se um levantamento dos últimos 4 trimestres, e acompanhamos o custo de estoque dos principais produtos de venda daquela indústria.

Notou-se aumento no custo dos itens durante o período de pandemia, cenário que é percebido em todo o mercado, nos mais variados seguimentos. Os dados fornecidos foram de grande valia, para que pudesse analisar, e compreender como era formado o preço final de venda dos produtos.

“Todos os gastos incorridos para colocação do ativo em condições de uso (equipamentos, matérias-primas, ferramentas etc.) ou em condições de venda (mercadorias etc.) incorporam o valor desse mesmo ativo.” (MARTINS, 2008, p. 116)

Os números analisados no relatório fornecido pela empresa, é do custo de venda de cada item. O aumento percebido nele, é interferido diretamente pelo custo da matéria prima utilizada em sua fabricação (anexo 1). Segundo os administradores, o valor de venda é menor do que deveria ser comercializado, mas se optassem por isso perderiam negociações, então foi decidido diminuir o ganho.

Anexo 1 – Variação no Metro Quadrado da matéria prima MDF / MDP no período de 4º trimestre de 2019 até 3º trimestre 2020.





3 CONCLUSÃO

Para alcançar uma boa gestão de estoques, é preciso aproveitar as diferentes técnicas que visam à redução de custos de armazenagem, atividade esta, que é considerada uma das mais caras de todo o sistema logístico (ZANDEVALLI, 2004).

Dessa forma, como foi abordado nos capítulos anteriores, as empresas buscam vantagens para se estabelecer em um mercado cada vez mais competitivo, é necessário utilizar-se de maneira consciente os recursos. Observou-se que o controle do estoque pode acarretar em perdas e custos indevidos devido ao armazenamento excessivo de produtos e falta de gestão dos mesmos.

O presente estudo, de acordo com seu respectivo objetivo, apresentou um embasamento teórico contando com os principais conceitos referentes à gestão e controle de custos e estoques. Abordou um estudo de caso que foi capaz de demonstrar a cultura na aplicabilidade de determinados fundamentos e até mesmo a falta de aplicabilidade de alguns princípios na empresa cedente ao estudo.

Na indústria em que se realizou a pesquisa e levantamento dos dados, identificamos alguns pontos em que a mesma deixa a desejar por não seguir um padrão e não executar algumas ideias e modelos de gestão tão essenciais para o um melhor controle de estoque e custos.

Percebemos que no recebimento dos produtos e armazenagem dos mesmos, a empresa possui um trabalho eficiente, conseguindo receber os produtos da forma correta, com conferência para que tudo esteja conforme foi feito o pedido e seguindo de acordo com a nota fiscal em termos de quantidades e valores acordados.

A empresa está em uma transição de local e já inicia a mudança com uma melhor dedicação nesse segmento, buscando métodos de armazenagens mais eficazes, que trazem mais organização e melhor identificação de todos os itens em estoque, facilitando os colaboradores para encontrar os itens quando precisam, melhorando a visualização de quantidades disponíveis em estoque, diminuindo o risco de rupturas no estoque, e conseqüentemente otimizando o espaço físico, com uma melhor ocupação em todos os lugares.

Na parte de controle de entradas e saídas de produtos e matéria prima do estoque, foi identificado um grande problema na empresa, pois a mesma não possui um sistema gerencial, onde possua cadastro de todos os itens que entram e saem da empresa, lançando as notas fiscais de entrada e saída, conseqüentemente conseguindo controlar seu estoque, algo que hoje é feito apenas por planilhas em Excel, havendo sim um controle, porém não da forma mais correta possível conforme toda empresa necessita.

Sendo então necessário a implantação de um sistema gerencial na organização, para que algum responsável possa realizar os lançamentos de entrada e saída, identificando produtos que estejam com estoque baixos para em contato direto com o setor de compras e fabricação possam realizar pedido de matéria prima necessária para a fabricação dos produtos acabados.

A realização do inventário físico não está presente na empresa, a mesma não possui um sistema gerencial conforme citado acima e até por isso não consegue ter um inventário físico, com a implantação de um sistema gerencial, seus gestores poderiam realizar essas etapas e controlar melhor o estoque, este procedimento poderia solucionar vários problemas de ruptura no estoque.

Os produtos e itens que possuem alguma avaria ou problema no estoque são devidamente retirados e descartados ou ajustados para serem utilizados, dessa forma a empresa consegue eliminar alguns problemas que possam vir a ocorrer na fabricação e acabamento do produto final.

A pesquisa nos permitiu notar a importância da gestão de estoques para as empresas e como sua correta aplicação poderá influenciar no resultado econômico desejado pela organização, sendo grande indicador do sucesso e insucesso financeiro da uma empresa. Com o grande aumento da concorrência gerando mais competitividade, é necessário que as empresas apliquem técnicas mais inovadoras para a formação e manutenção dos estoques, as quais irão se tornar eficientes e decisivas para o sucesso.

Foi possível perceber também a aplicação de conceitos simples e até mesmo culturais da organização na gestão de estoques, mas que por talvez falta de conhecimento ou inovação algumas ações são realizadas conforme cultura da organização e algumas ferramentas e métodos disponíveis acabam não sendo utilizados.

A pesquisa realizada sobre os custos de estocagem e venda, também foi de muita valia, onde teve-se acesso aos dados desde o valor de fabricação, até o valor de venda final do produto. Entendendo o porque do aumento notado no relatório, aliado ao cenário onde estamos enfrentando.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **Apresentação de citações de documentos – NBR 10520**. Rio de Janeiro, 1990.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **Apresentação de trabalhos acadêmicos - NBR 14724**. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **Elaboração de referências – NBR 6023**. Rio de Janeiro, 2002.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Curso básico de Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1995.

IRIE, Liliâne. **Contabilidade Gerencial Como Instrumento De Tomada De Decisão**. Disponível em: <<http://revistauniversitas.inf.br/index.php/UNIVERSITAS/article/viewFile/341/224>> acesso em 19/10/2020.

FACULDADE DE AMPÉRE. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos da FAMPER**. Ampére, 2007.

FEITAL, João Carlos de Campos. DE OLIVEIRA, Marcos Roberto. DA SILVA, Thiago Lopes. Artigo: **A Evolução da Contabilidade e o Mercado de Trabalho**. Revista Alumni – São Paulo: 2012.

FERREIRA, Pinzan. **Métodos De Custeio E Seus Propósitos De Uso: Análise Por Meio De Estudo De Casos Múltiplos**. São Paulo: Atlas, 2012.

FRANCISCHINI, Paulino G.; GURGEL, Floriano do Amaral. **Administração de materiais e do patrimônio**. São Paulo : Pioneira, 2002.

ILION, L. J. **O Planejamento Do Seu Sistema De Aprendizagem Empresarial: Identifique Uma Visão E Avalie O Seu Sistema De Relações**. RAE – Revista de Administração de Empresas, v. 31, n. 3, p. 63-71, 1991.

FRANCO, Hilário. **Contabilidade geral**. 23 ed. São Paulo: Atlas, 1997.

GASPARINI, Yatir. **Contribuição ao estudo dos métodos de custeio utilizados na gestão de preço**. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2001.

GARCIA, E. S.; LACERDA, L. S.; AROZO, R. **Gerenciando Incertezas No Planejamento Logístico: O Papel Do Estoque De Segurança**. Revista Tecnológica, v. 63, p. 36-42, fev. 2001.

GUERREIRO, Reinaldo. **Estruturação de sistemas de custos para a gestão da rentabilidade**. São Paulo: Atlas, 2010.

GUERREIRO, Reinaldo; CATELLI, Armando. **Considerações conceituais sobre o planejamento de preços em empresas de telecomunicações: um enfoque da gestão econômica – GECON**. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO

ESTRATÉGICA DE CUSTOS, 1995, Campinas, **Anais**, Volume II, p. 853-864.

HENDRIKSEN, Eldon S.; BREDÁ, Michael E Van. **Teoria da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARION, J. C. **Contabilidade Empresarial**. 17. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

-----. **Contabilidade Básica**; 10 ed. 2009. São Paulo: Atlas,2009.

-----. **Contabilidade Empresarial**, 15^a ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINELLI, Gilmar Mário. **A Evolução Histórica e Noções Básicas de Contabilidade**. <http://www.escriitorimartinelli.cnt.br/monografia.htm>

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de Custos**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

-----. **Contabilidade de Custos**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

-----; LOPES, Alexsandro Broidel. **Teoria da Contabilidade: nova abordagem**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

-----; ROCHA, Welington. **Métodos de custeio comparados: custos e margens analisados sob diferentes perspectivas**. São Paulo: Atlas, 2010.

MOTTA, Flávia G. **Fatores condicionantes na adoção de métodos de custeio em pequenas empresas: um estudo multicascos em empresas do setor metal-mecânico de São Carlos SP**. São Carlos. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2000.

NAKAGAWA, Masayuki. **ABC: Custeio baseado em atividades**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

NASCIMENTO, Diogo T. **Bases para a eficácia de sistema de custeio para gestão de preço**. São Paulo. 1989. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 1989.

-----. **Padrões contábeis intercambiáveis entre os métodos de custeio por absorção e variável/direto**. São Paulo. 1980. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 1980.

NASI, Antônio Carlos. **A Contabilidade Como Instrumento De Informação, Decisão E Controle Da Gestão**. Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 50 e 77, 1994.

NOBLE, Howard S. **Princípios de Contabilidade**. São Paulo: Brasileira, 1956.

PEREIRA, G.R.B.; ARAÚJO, M.V.P.D. **Logística E O Marketing: A Integração Dos Processos Em Busca De Vantagem Competitiva**. Disponível em: <http://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais_13/artigos/802.pdf> Acesso 17/10/2020.

RUIZ, J.A. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SÁ, Antônio Lopes de. **Introdução às Ciências Contábeis**. São Paulo: Tecnoprint, 1987.

-----. **Contabilidade Geral**. São Paulo: Nacional, 1966.

SOUZA, Marcos A.; DIEHL, Carlos A. **Gestão de custos: uma abordagem integrada entre Contabilidade, Engenharia e Administração**. São Paulo: Atlas, 2009.

VARTANIAN, Grigor H. **O método de Custeio Pleno: uma análise conceitual e empírica**. São Paulo. 2000. Dissertação (Mestrado em Contabilidade e Controladoria) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2000.

VASCONCELLOS, Marco Túlio de Castro. **Impactos da Internet sobre a Evolução da Ciência Contábil**. Revista do Conselho Regional do Estado de São Paulo. São Paulo, n.01, mar./abr.1997.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

ANEXOS

Anexo 2 – Custo de venda dos produtos de maior movimentação na empresa estudada na pesquisa.

4º TRIMESTRE 2019		
CODIGO	ITEM	VALOR
18.130.002	KIT VALPARAISO 1.20 MDP MONTANA	R\$ 147,70
18.140.002	KIT SANTIAGO 90 MDP MONTANA	R\$ 147,00
18.170.002	MULTIUSO CAIRO MDP MONTANA	R\$ 73,50
18.170.003	MULTIUSO CAIRO MDP CANELA	R\$ 75,60

1º TRIMESTRE 2020		
CODIGO	ITEM	VALOR
18.130.002	KIT VALPARAISO 1.20 MDP MONTANA	R\$ 153,30
18.140.002	KIT SANTIAGO 90 MDP MONTANA	R\$ 112,00
18.170.002	MULTIUSO CAIRO MDP MONTANA	R\$ 79,80
18.170.003	MULTIUSO CAIRO MDP CANELA	R\$ 79,80

2º TRIMESTRE 2020		
CODIGO	ITEM	VALOR
18.130.002	KIT VALPARAISO 1.20 MDP MONTANA	R\$ 153,30
18.140.002	KIT SANTIAGO 90 MDP MONTANA	R\$ 115,50
18.170.002	MULTIUSO CAIRO MDP MONTANA	R\$ 75,60
18.170.003	MULTIUSO CAIRO MDP CANELA	R\$ 75,60

3º TRIMESTRE 2020		
CODIGO	ITEM	VALOR
18.130.002	KIT VALPARAISO 1.20 MDP MONTANA	R\$ 182,70
18.140.002	KIT SANTIAGO 90 MDP MONTANA	R\$ 145,60
18.170.002	MULTIUSO CAIRO MDP MONTANA	R\$ 89,60
18.170.003	MULTIUSO CAIRO MDP CANELA	R\$ 89,60

MÉDIA GERAL DE CUSTOS		
CODIGO	ITEM	VALOR
18.130.002	KIT VALPARAISO 1.20 MDP MONTANA	R\$ 159,25
18.140.002	KIT SANTIAGO 90 MDP MONTANA	R\$ 130,03
18.170.002	MULTIUSO CAIRO MDP MONTANA	R\$ 79,63
18.170.003	MULTIUSO CAIRO MDP CANELA	R\$ 80,15

Anexo 3 – Fotos do estoque da empresa cedente da pesquisa.

